

# Às vésperas dos 200 anos da Biblioteca Nacional

**Ana Virginia Pinheiro**

*As palavras ouvem-se, as obras  
vêm-se, as palavras entram pelos  
ouvidos, as obras entram pelos  
olhos, e a nossa alma rende-se  
muito mais pelos olhos que pelos  
ouvidos.*

Padre Antônio Vieira

Brasil, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2010. A Biblioteca Nacional fará 200 anos daqui a três dias.

Caminho pelo armazém de Obras Raras, buscando curiosidades bibliográficas; livros, imagens que atendam às expectativas da Imprensa, justificando uma divulgação a altura da efeméride... Amanhã, repórteres de uma rede de TV aberta virão à Biblioteca, atrás de sua história, de seu significado...

Gosto disso.

Sou bibliotecária e quando uma biblioteca desperta o interesse da mídia, por bons motivos, vejo oportunidade para divulgar a mais bela de todas as profissões, aquela que favorece, subsidia e garante o avanço de todas as demais; pelo menos, daquelas em que a pesquisa e o estudo sejam condições.

Pois bem, estou a caminhar pelo armazém da Divisão de Obras Raras, um espaço de encantos que chefo desde 2004, buscando tesouros não revelados ou pouco divulgados. Que privilégio! Folhear livros de 300, 500 anos – quotidianamente – é uma vantagem em relações a outros cidadãos do mundo.

Resolvi olhar um segmento do armazém pouco vasculhado; uma área que guarda obras pouco solicitadas pelos pesquisadores... Mas, os pesquisadores têm como solicitar as obras ali armazenadas? Claro! Quase tudo está catalogado. Mas, uma coisa é uma obra num catálogo, um item numa multidão de informações; outra, é uma obra em mãos; nessa hora, a obra ganha a dignidade de monumento: destacada das demais, ganha o mérito da atenção disciplinada, como se fosse o único exemplar conhecido no mundo.

Abro e fecho gavetas que há muito não são abertas. Caminho entre as estantes, na esperança de que um livro chame por mim, que imante o meu olhar e me faça abri-lo e revelá-lo. Aliás, eu já disse que pesquisar na Biblioteca Nacional é algo parecido com uma expedição arqueológica? A Biblioteca Nacional é um sítio precioso, demarcado, onde o ato de “descobrir” depende do talento de quem busca – um mesmo livro, consultado por diferentes pessoas ou em diferentes momentos, pode oferecer diferentes revelações. Continuo meu caminho, em busca do chamado.

Minha mão é arremessada para o alto e puxa um volume pequeno, desencadernado... É um livro sobre escravidão: “Breve resumo sobre a natureza do commercio de escravatura e das atrocidades que d'elle resultam...”, impresso em Londres, 1821, em... português!? O título continua: “seguido de huma relação histórica dos debates que terminaram a final abolição”. Abolição? Em 1821? (Figura 1).

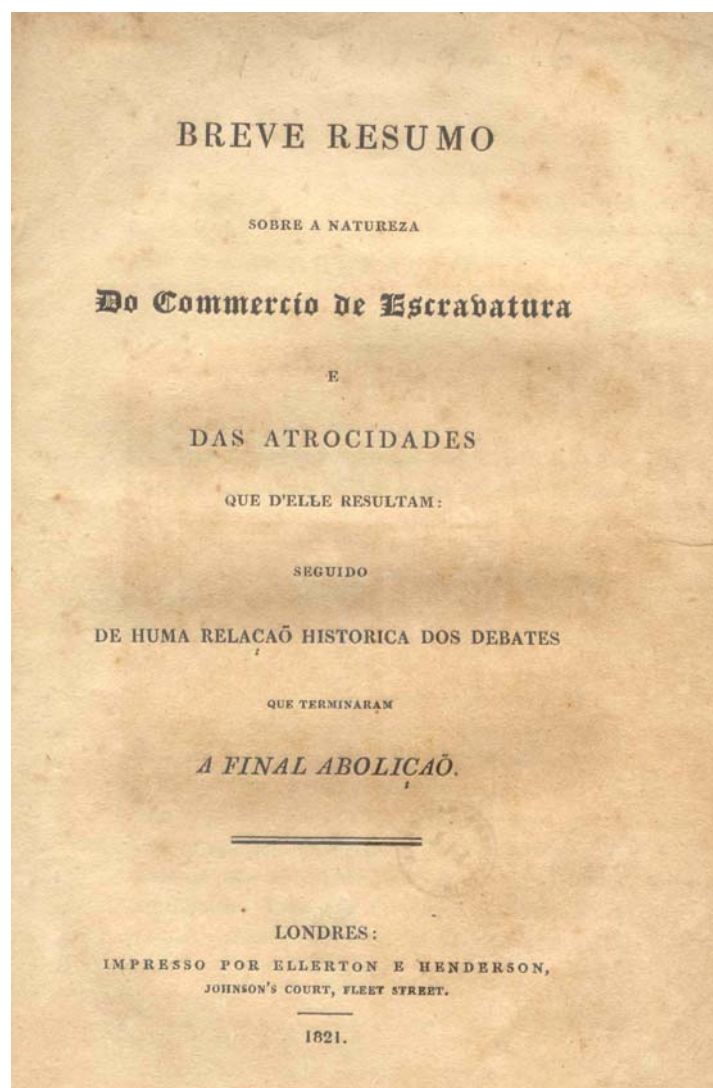


Figura 1

Olho e folheio o livro.

Preciso lê-lo. Mas, agora, não posso.

Parece tratar da abolição da escravatura na Inglaterra...

Percebo, então, que o livro é mais que isso: é um discurso abolicionista cujo alcance, o autor anônimo tenta ampliar.

Não tenho como lê-lo, agora. Vou fechá-lo.

Então, percebo uma dobradura, que faz volume entre as páginas iniciais, desdobro a folha e encontro uma imagem estarrecedora.

Numa página, em três módulos, há uma xilogravura intitulada: “Representação de um navio carregado de escravos” (Figura 2).

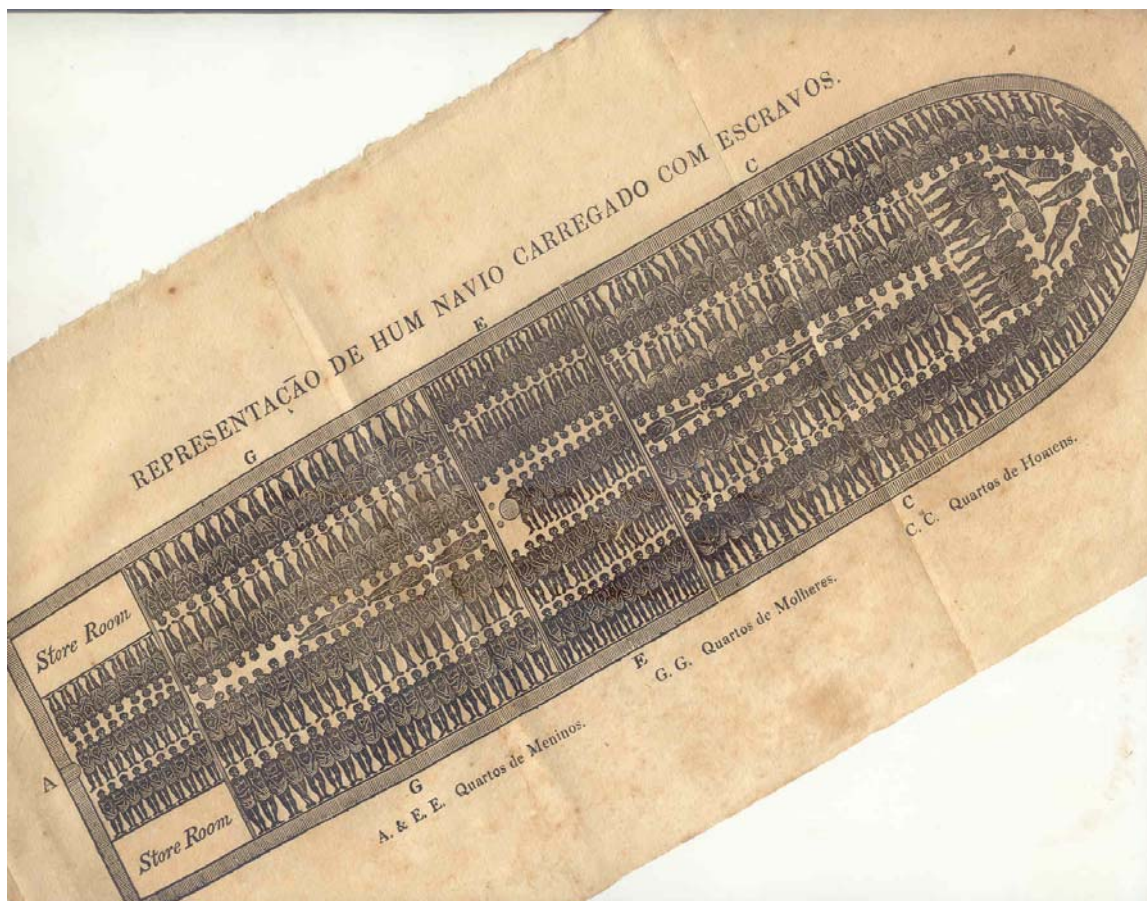


Figura 2

Estou de pé, segurando uma folha desfraldada, com bordas que têm a rusticidade típica do papel de trapos não aparado; o suporte está amarelecido, mas íntegro, e os vincos parecem originais...

Creio que sou a primeira a abrir a imagem, desde que foi dobrada e encartada entre as páginas daquele exemplar... há cento-e-oitenta-e-nove-anos!

Olhando do alto, a imagem parece o desenho reduzido de um foguete ou ampliado de uma bala de revólver.

Olhando de perto, tenho a sensação de que fui arremessada – como num foguete, e alvejada, com um tiro direto no coração: a imagem é a representação do porão de um navio de transporte de escravizados.

Todos pretos.

Duzentos e noventa e dois indivíduos colorizados no tom exato da tinta xilográfica.

Paro de respirar.

Não sei quanto tempo estou assim, parada, sem ação e sem ruídos, segurando inadequadamente aquela imagem. Já é noite.

Eu preciso me sentar, respirar, agir.

Apoio o livro e esparramo a imagem sobre uma mesa.

Olho de perto uma imagem produzida por uma testemunha ocular... pelo menos, uma testemunha coetânea do evento documentado: o transporte de 85 meninos (crianças), 83 mulheres e 124 homens, lado a lado, no porão de um navio. Na representação, todos estão deitados. Seus corpos ocupam todos os espaços possíveis e quase impossíveis.

Sempre acreditei que os escravizados vinham da África amontoados em navios, em condições insalubres e promíscuas.

Isso me repugnava.

Eu imaginava pessoas de pé, no porão de um navio, semi-oscuro de dia e um negrume de noite. Muitos dialetos, nudez, choro, amigos e inimigos, conhecidos e desconhecidos no mesmo ambiente, precário, úmido e pequeno.

Olho a imagem, de novo e vejo pessoas cuidadosamente alinhadas por tamanho, como roupas num varal, separadas em salas distintas, em três grupos: crianças, mulheres e homens.

Em cada grupo, os indivíduos estão perfilados, de modo que, em cada sala, apenas duas fileiras estejam em oposição cabeça-a-cabeça.

As 85 crianças estão em dois quartos; 27 estão acomodadas na seção traseira da embarcação, e 58 numa sala central que separa as mulheres dos homens.

O grupo menor está imprensado entre dois depósitos de provisões (Figura 3). No grupo maior, é possível identificar um menino espremido junto a uma das colunas de sustentação do convés (Figura 4).



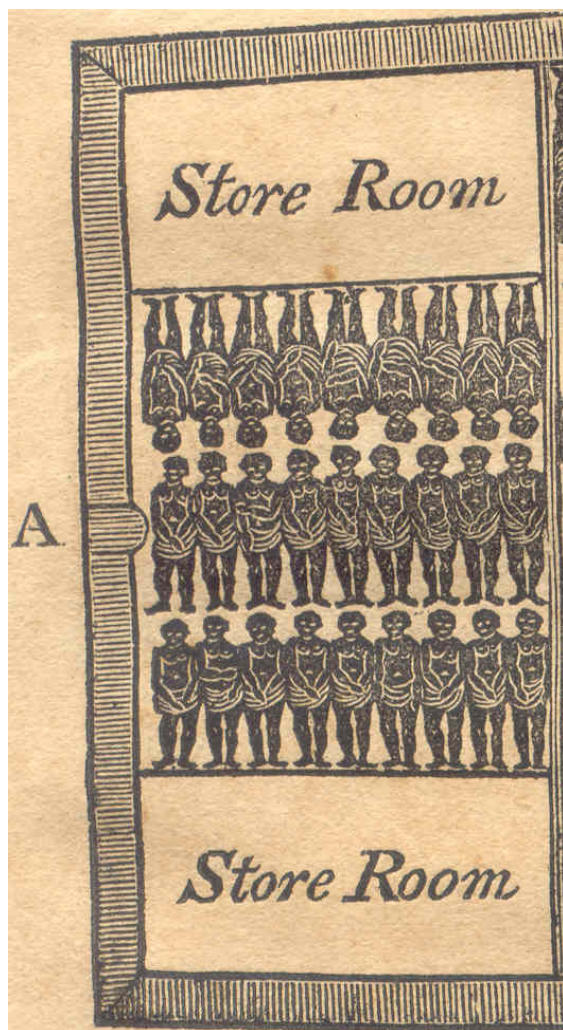


Figura 3

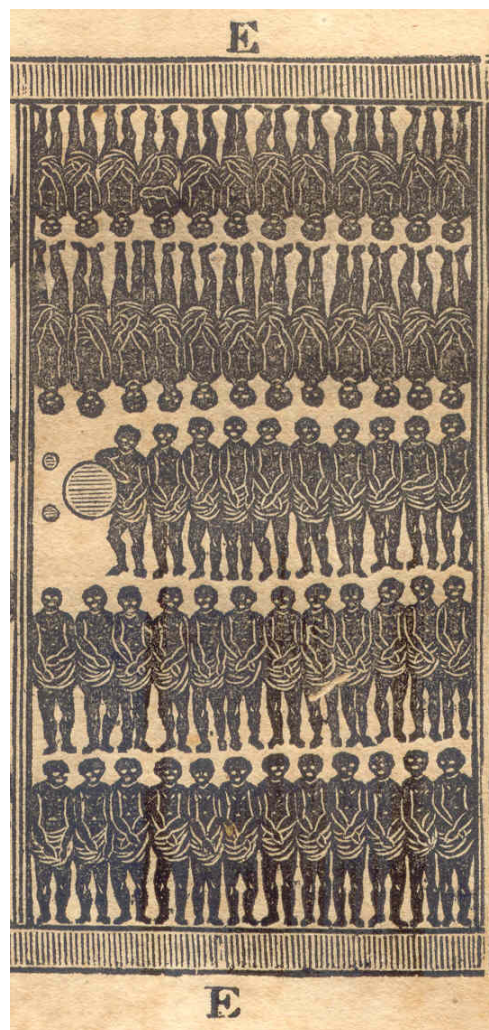


Figura 4

As 83 mulheres estão num quarto, entre os quartos das crianças, milimetricamente acomodadas em quatro grupos de vinte indivíduos. Mas, a sala tem 83... De fato, três estão encaixadas no centro do quarto, nos intervalos entre as cabeças de dois grupos. Nesse grupo, duas mulheres tombam seus pescoços e cabeças para o lado, impedidas que estão de mantê-los retos, junto a uma coluna do convés (Figura 5).



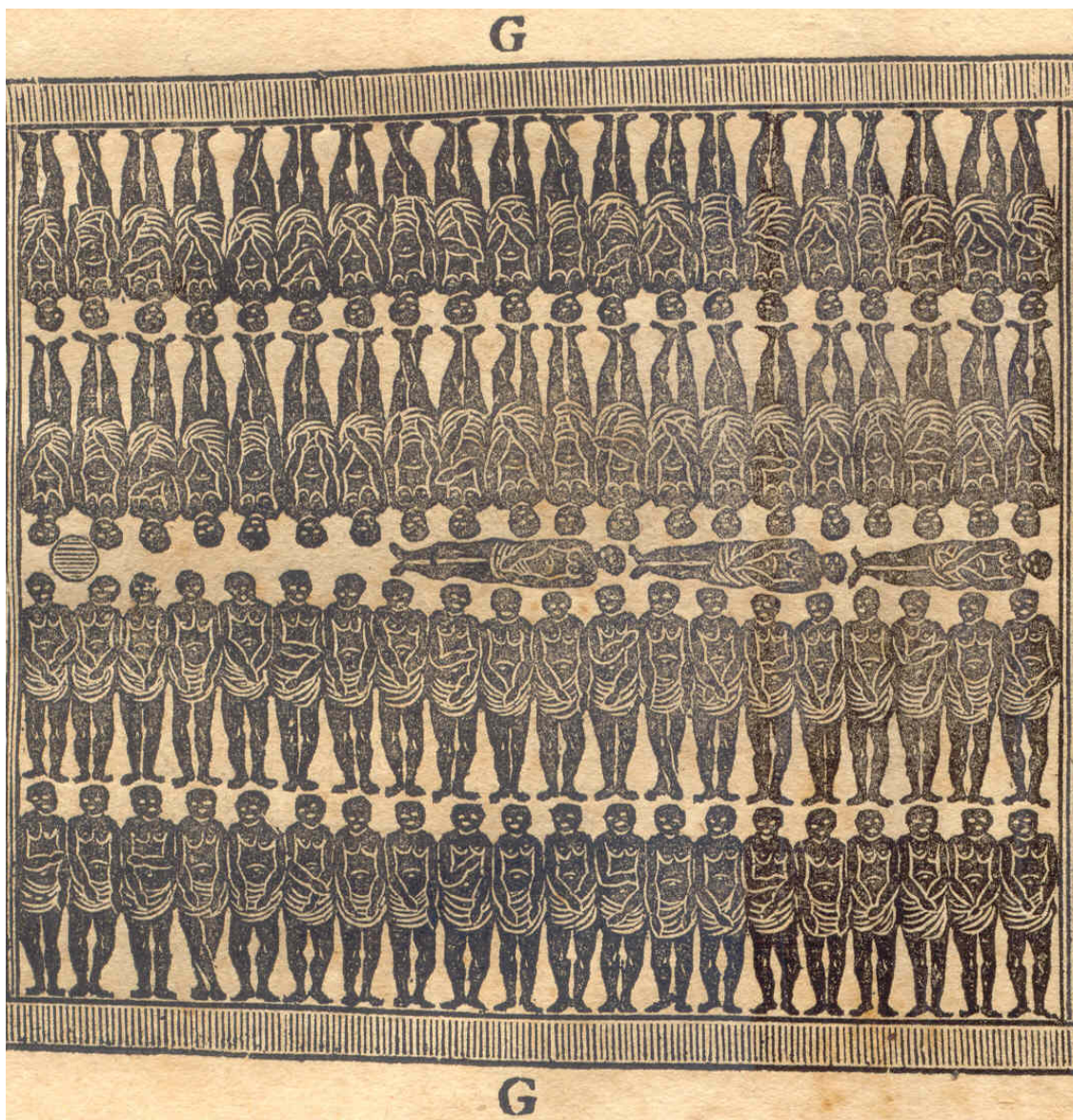


Figura 5

Os 124 homens estão divididos em quatro grupos de 21 indivíduos e um grupo de 8, acomodados em linha reta; dois grupos de 10, em curva; e um grupo de 8, encaixados nos irregulares espaços sobressalentes do segmento frontal da embarcação. Nesse grupo, há um homem espremido, junto a uma coluna do convés (Figura 6).



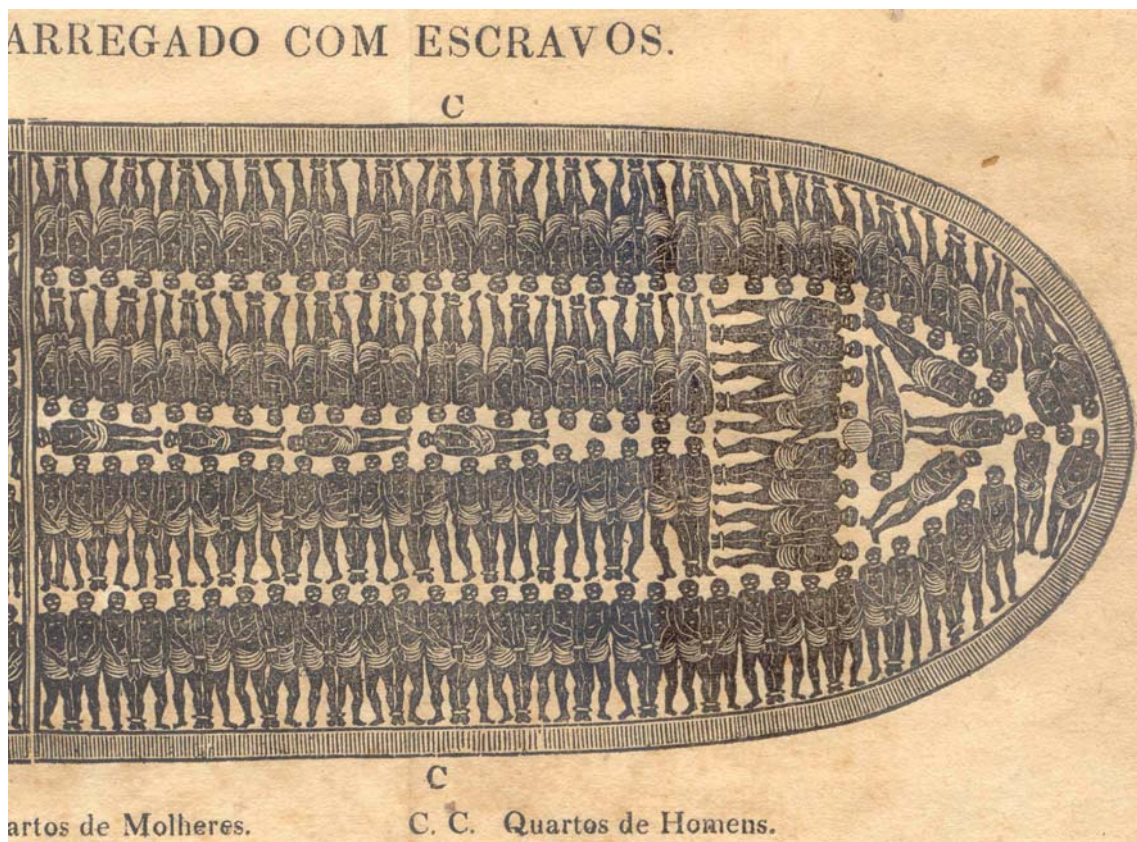


Figura 6

Respiro com dificuldade.

Todos estão deitados.

A separação das pessoas em três grupos e o realismo anatômico de suas representações oferecem a impressão de zelo, de situação de repouso e conforto, de cerceamento do que poderia ser promíscuo.

Olho a imagem mais de perto.

O arranjo é a amoral.

Todos estão seminus, envolvidos por panos que lhes cobrem os quadris, o sexo. Seus braços estão apoiados sobre o próprio corpo ou sobre o corpo vizinho, porque não há espaço para acomodá-los lateralmente.

No grupo dos homens, a situação é mais grave: os que estão perfilados estão atados, aos pares; a cada dupla, os indivíduos estão presos pelas pernas e braços que fazem contato entre si, como se os homens oferecessem risco de fuga em alto mar – não há exceção.

Parece que a amarração dos perfilados compensa o desconforto dos encaixados (Figura 7).

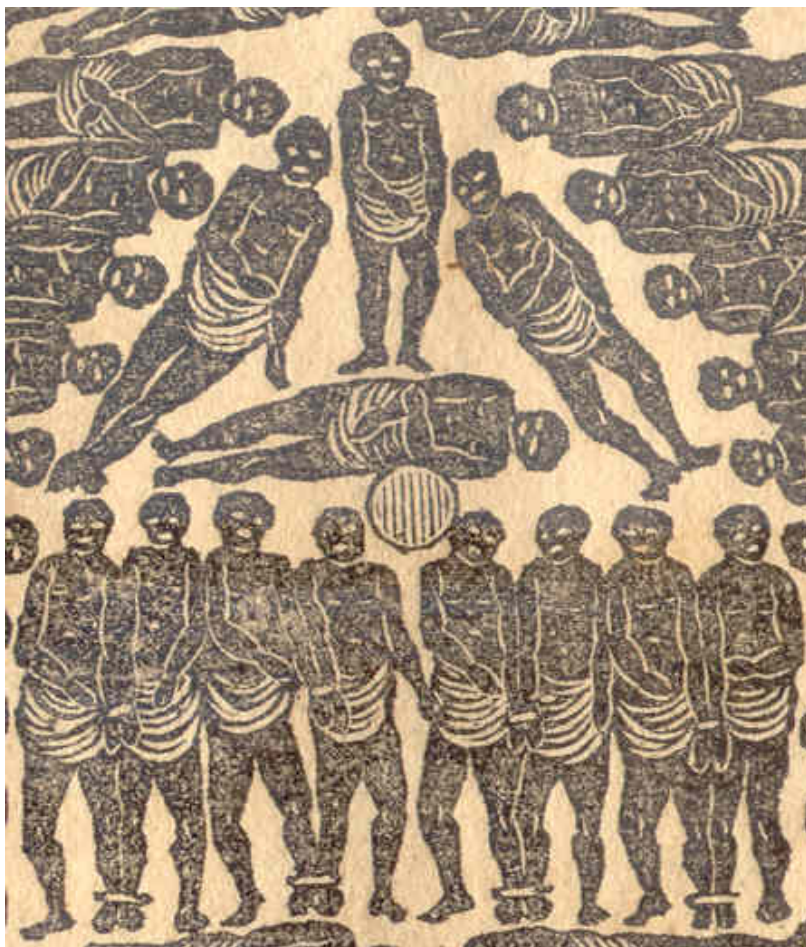


Figura 7

Todos – crianças, mulheres e homens – têm os olhos e as bocas abertas. Olhos e bocas vazios, espaços brancos em corpos tintos de preto.

Olho mais de perto. O lugar parece silencioso e sinto angústia, desconforto. Não sei se o silêncio está na cena, no armazém de Obras Raras ou em mim.

Sinto que tenho braço e perna atados a alguém, que temos olhos e bocas bem abertas, mas insuficientes para dar som a gritos e umidade a lágrimas que não têm força para expressar tanta dor.

Dobro a imagem, fecho o livro e constato: duzentas e oitenta e duas pessoas, de outro tempo, acabaram de olhar para mim.

Meu coração dá um pulo.

Penso em todas as mulheres, todos os homens e todas as crianças que sobreviveram e passaram para que eu estivesse aqui, agora.

Alguns deles atravessou o mar daquele jeito. Alinhado, atado ou encaixado.

Respiro, profundamente.



Olho a imagem refletida no tampo da mesa onde apoio o livro e me reconheço.

Meu nome é Ana Virginia Pinheiro, sou Bibliotecária da Biblioteca Nacional e todos os dias faço valer à pena.

**Ana Virginia Pinheiro**, Bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional desde 1982, chefia a Divisão de Obras Raras e é professora da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

O livro, tema deste depoimento, é parte do acervo da Divisão de Obras Raras proveniente da Coleção Benedicto Ottoni – uma das mais importantes "brasilianas", organizada pelo erudito polígrafo e jornalista José Carlos Rodrigues, doada à Biblioteca Nacional pelo benemérito Dr. Julio Benedicto Ottoni, em 1911.

